



Fascismo Movimento e Fascismo Governo - Um debate sobre os estudos de Renzo de Felice e Emilio Gentile.

Giuseppe Rafael Caron

Resumo

Este trabalho consiste em trazer o debate iniciado por Renzo de Felice sobre *Fascismo Movimento* e *Fascismo Governo*. Para o autor era imprescindível separar o fascismo nestes dois temas, já que o *Fascismo Movimento* engloba as ideologias do fascismo, antes e depois da tomada ao poder, já *Fascismo Governo*, como o próprio nome já diz se limita em enxergar somente os anos do governo de Benito Mussolini. De Felice queria com essa divisão atingir dois objetivos, sendo eles: buscar enxergar o Fascismo por ele mesmo, isto é, estudar o fascismo pelas fontes criadas pelo próprio movimento, e abrir uma nova “porta” para os estudos sobre o fascismo. Indo na mesma direção, encontramos o professor Emilio Gentile, que continua os estudos de seu professor Renzo de Felice, mantendo o debate sobre o que é *Fascismo Movimento* e *Fascismo Governo*. Em seu livro *Il mito dello Stato nuovo. Dal radicalismo nazionale al fascismo* (O mito do Estado novo. Do radicalismo nacional ao fascismo) há um capítulo inteiramente dedicado a este debate, focando nos dois principais ideólogos fascistas (Giuseppe Bottai e Alfredo Rocco) e a diferença ideológica que os dois tinham sobre o que era o fascismo. Mesmo que esse trabalho tenha enfoque na Itália fascista, creio que esse debate poderá ajudar nos estudos de outros movimentos de extrema direita.

Palavras-Chave: Fascismo movimento, fascismo governo, Renzo de Felice e Emilio Gentile.

ABSTRACT

This work consists in bringing the debate initiated by Renzo de Felice about Fascism Movement and fascism Government. For him it was essential to separate these two theme, the Fascism Movement cover the ideologies of fascism, before and after taking the power, now the Fascism Government, as the name suggests it is limited only to see the government years of Benito Mussolini. De Felice wanted with this division achieve two objectives: to seek Fascism for himself, that is, studying fascism by sources created by the movement itself and open a new "door" for studies on fascism. Going the same way, we find Professor Emilio Gentile, who continues the studies of his professor, Renzo de Felice, keeping the debate about what is Fascism



Movement and Fascism Government. In his book *Il mito dello Stato nuovo. Dal radicalismo nazionale al fascismo* (The myth of the new state. From the national radicalism fascism) there is a chapter devoted entirely to this debate, focusing on two main fascist ideologues (Giuseppe Bottai and Alfredo Rocco) and the ideological differences that the two had on the it was fascism. Even though this work has focused on fascist Italy, I believe that such a debate could help in studies of other far-right movements.

Key-words: Fascism Movement; Fascism Government; Renzo de Felice; Emilio Gentile.

Meu primeiro contato com a divisão do fascismo foi através da obra *Entrevista sobre o Fascismo*, realizada em 1976, na qual, Michael A Ladeen entrevista Renzo de Felice. A obra apresenta como pilar central a preocupação do historiador italiano sobre a historiografia do fascismo e como ela é tratada pelos seus colegas. Sua principal crítica se dirigia aos historiadores que escreveram sobre o fascismo logo após a sua queda. Renzo de Felice acreditava que esses primeiros estudos não tratavam o movimento com um viés científico, mas sim, com um viés político, isto é, elas tinham como objetivo desqualificar o fascismo e transformá-lo em uma anomalia na política europeia ao invés de compreendê-lo:

Havia, aliás, a insatisfação, evidente, por certo tipo de historiografia, que eu de resto compreendia muito bem; e ainda hoje não aceito certas opiniões completamente aniquiladoras sobre a historiografia do fascismo de há vinte-trinta anos, porque naquele período não se podia fazer de outro modo. O fascismo era uma experiência tão viva, ainda, nas recordações, nas experiências vivas e ardentes do País, que era impossível outro tipo de discurso. Todavia estava convencido de que havia chegado o momento de tentar um discurso mais propriamente histórico, menos político, que certamente não se podia pedir a quem tivesse vivido o fascismo, combatendo-o, como antifascista, ou apenas como seu expectador. (DE FELICE, 1988: p.11)

Por criticar as obras dos antigos historiadores e por propor estudar o movimento fascista por ele mesmo, trabalhando com fontes internas, criadas pelos próprios fascistas, não demorou muito para que os críticos surgissem e começassem a atacar os ideais de Renzo de Felice, alguns



até chegaram ao ponto de chamar De Felice de apoiador do regime e de neofascista¹. Entorno desses ataques de outros historiadores, Renzo de Felice manteve seu trabalho sobre o fascismo e foi durante esses trabalhos que ele descobriu que o fascismo tinha dois vieses diferentes para serem estudados. Um desses aspectos era o que foi o governo de Benito Mussolini? E o outro relacionado ao o que foi o movimento fascista? Foi assim que Renzo de Felice dividiu o fascismo em *Fascismo Movimento* e *Fascismo Governo* ou *Regime*:

O fascismo movimento é aquela porção de aspirações renovadoras, de interpretações de certas exigências, de certos estímulos, de certos motivos de renovação; é aquela porção de “revolucionaríssimo” que há no próprio fascismo, e que tende a construir alguma coisa de novo. É um conjunto de elementos antes de tudo, culturais (conscientes ou inconscientes) e psicológicos, que em partes são os do fascismo intransigente e pré-marcha sobre Roma, mas em parte são algumas coisas de novo e de diferente (e de sucessivo), que constitui a auto apresentação do fascismo projetado no futuro, dos condicionamentos, dos “medos”, das derrotas impostas pelo regime, além da própria vida de Mussolini. E, sob este perfil, ele constitui um comportamento essencial para compreender o *consenso*; é-lhe o componente *moral* ao lado do *material* (o de “segurança,” que analisei no último volume). O fascismo regime, ao contrario, é a política de Mussolini, é o resultado de uma política que- quer queira quer não- tende a fazer do fato fascismo apenas a superestrutura de um poder pessoal, de uma linha política que por muitos aspectos torna-se sempre mais herança de uma tradição (DE FELICE, 1988: p. 29-30)

Posso observar que Renzo de Felice quando propõem essa divisão visa ampliar o campo de estudos sobre o fascismo, deixando claro que os antigos trabalhos sobre o fascismo ainda eram válidos quando tratavam de observar o regime fascista. Ao mesmo tempo De Felice fortalece sua ideia de buscar novas formas de compreender o fascismo, apontando o que ele chama de *Fascismo Movimento*. Essa nova forma de pesquisa pretendia focar não somente nos anos de governo de Benito Mussolini, mas também nos anos que antecederam a *Marcha sobre Roma*², pois o seu objetivo era observar o que era a ideologia fascista. Logo, para o autor o fascismo não

¹ Observe que muitas dessas críticas se baseavam nas principais obras de Renzo de Felice, a coleção *Il Duce*, pois ela compunha uma bibliografia extensa de Benito Mussolini, muitos historiadores enxergaram essas obras como uma exaltação de Mussolini e de seu movimento.

² Essa marcha ocorreu no dia 28 de outubro de 1922, foi um ato aonde reuniu cem mil camisas negras nas ruas da capital italiana, eles exigiam a deposição do primeiro ministro Luigi Facta e que colocasse no lugar Benito Mussolini.



era uma anomalia da política europeia, mas sim um movimento que representava uma época (Europa pós-guerra) e uma sociedade (nesse caso a sociedade italiana).

Mas não foram todos os historiadores que criticaram o trabalho de Renzo de Felice, muitos, especialmente os mais novos, acharam interessante a proposta do professor italiano, dentre eles destaco a obra do professor Robert Paxton, *A Anatomia do Fascismo*, onde ele aponta os motivos que levaram tanto o fascismo quanto o nazismo para o poder. Sua pesquisa demonstra como os dois movimentos tiveram que passar modificações, às vezes drásticas, para galgar o poder, nos mostrando assim que o fascismo é uma ideologia não tão rígida como se pensava.

Já foi dito que um partido político é como um ônibus: as pessoas estão sempre saindo e entrando. À medida que formos prosseguindo, veremos como a clientela fascista se alterou ao longo do tempo, dos radicais da fase inicial para os carreiristas das épocas posteriores. Aqui, também não podemos perceber o fenômeno em sua totalidade examinando apenas seu começo. (PAXTON, 2007: p. 97)

Dentre todos os historiadores do fascismo que adotaram a linha de Renzo de Felice, talvez o mais conhecido seja seu aluno Emilio Gentile que continuou os trabalhos de seu mestre. Dentre tantas obras, irei focar no livro *Il mito dello Stato nuovo: Dal radicalismo nazionale al fascismo* (O mito do Estado novo: Do radicalismo nacional ao fascismo), para ser mais específico no capítulo *Il mito dello Stato nuovo fascista* (O mito do Estado novo fascista), onde Gentile dá um corpo documental para a ideia de *Fascismo Movimento e Fascismo Governo*. Pois veja, Renzo de Felice mesmo apontando a diferença sobre essas duas linhas do fascismo, nunca trabalhou intensamente sobre esse tema, ao contrário De Felice voltou a trabalhar nas visões historiográficas que havia sobre o fascismo.

Para dar corpo à diferenciação entre *Fascismo Movimento e Fascismo Governo (Regime)*, Emilio Gentile traz o debate entre os dois principais ideólogos do fascismo: o advogado Giuseppe Bottai e o economista Alfredo Rocco. Esse debate melhora nossa compreensão sobre a diferença entre os dois tipos de fascismo. Pois antes da chegada do fascismo ao poder havia uma discussão de como o movimento faria para governar? Que políticas seguiria? Se buscaria ajuda ou governaria sozinho? Essas dúvidas inundavam os discursos desses dois ideólogos, porém ambos buscavam respostas diferentes para responder esses questionamentos. Giuseppe Bottai, foi advogado e jornalista, juntamente com Benito Mussolini ajudou a criar o *fasci di combattimento*



(primeiro nome dado ao fascismo), também foi um combatente da Primeira Guerra Mundial. Dentro do movimento Bottai foi responsável pela criação dos principais mitos que circundavam o fascismo “Bottai foi aquele que participou com maior convicção e entusiasmo, com continuidade e com mais consistência na realização dos mitos do *movimento*”(GENTILE, 2002: p. 239). Muitos dos mitos criados por Giuseppe Bottai tinham como pano de fundo a participação da Itália na Primeira Guerra Mundial, como podemos observar nas palavras próprias palavras de Bottai:

Nenhuma política antes da guerra, muita trincheira durante a guerra, uma inquietude depois da guerra, profunda, que se traduzia em sempre muito consciente em uma vontade de agir. O Fascismo não era, para mim e para meus companheiros de armas, um modo de continuar a guerra, de traduzir os valores de uma religião civil. Mussolini, já é o Duce por nós, e só por nós em seguida, senhor de nossos ânimos, com a força primordial que se distingue a massa, da vida de um chefe. A política introduzia, um após o outro, os seus problemas na nossa mente, em modo direto e imediato com referências elementares, como as descobertas do novo mundo. (GENTILE, 2002: p.240)

Para os fascistas iniciais, aqueles que entraram nos primeiros anos de existência do movimento, a Primeira Guerra Mundial foi um marco histórico, por dois aspectos importantes: o primeiro foi a “conclusão da unificação italiana”, o conflito tinha por objetivo retomar algumas regiões que pertenciam à Itália, mas que se mantinham ainda sob domínio do Império Austro-húngaro³, logo, caso a Itália fosse bem sucedida no conflito, receberia seus territórios de volta, terminando assim a unificação iniciada por Garibaldi. O conflito com os austríacos se mostrou duro, as baixas do exército italiano eram enormes e para suprir as trincheiras o governo italiano convocou em massa a população para ir ao front. Isso nos leva ao segundo aspecto, a quantidade de italianos que foram para frente de batalha foram gigantesca, vinham jovens de quase toda a região da Itália, e por esse fato complicações começaram a surgir, a principal delas era a comunicação e o convívio entre soldados de diversas regiões do país. Mesmo tendo passado quase meio século da unificação italiana, muitas regiões da Itália mantinham o seu dialeto local e as mesmas regiões mantinham velhas rixas com outras, o caso mais conhecido era entre as

³ Após o fim das guerras napoleônicas o império Austro-húngaro recebeu o território de Veneto pela sua ajuda na vitória contra a França. Durante os conflitos de unificação da Itália, o rei Vittorio Emanuel I fez um acordo com os austríacos, sob mediação do governo alemão, que em troca de uma aliança militar o Império Austríaco deveria devolver a região de Veneto para a Itália, contudo duas cidades ficaram sob domínio austríaco, Trento e Trieste, essas duas cidades se tornariam o símbolo para os nacionalistas e para os fascistas da necessidade de entrar na Primeira Guerra Mundial contra os austríacos.



regiões do sul da Itália que se sentiam oprimidas pelas regiões localizadas no norte do país⁴. Contudo, para sobreviverem na guerra esses jovens tiveram que apreender a conviver entre si, e então começaram a perder seu dialeto local e passaram a falar o italiano:

Todavia a guerra teve também um aspecto positivo, pela primeira vez os italianos encontraram uma identidade nacional, o esforço comum, o fato que nas trincheiras estivessem sicilianos e toscanos juntos a napolitanos e piomonteses, que fosse necessário aprender de verdade a falar italiano e não só dialeto, que se colidissem sobre os resultados negativos sobre a estrutura de comando, criou um primeiro vínculo entre os rapazes envolvidos no front (BALBONI, SANTIPOLO, 2004. Pg.91)

A Primeira Guerra Mundial permitiu que o conceito de Estado-nação italiano se aprimorasse e realmente comesçassem a existir, isso para os fascistas demonstrava como era importante compreender a relevância da Guerra para o fortalecimento de um de seus maiores símbolos, se não o principal, a Nação. Contudo, Bottai e o próprio Mussolini sabiam que o conflito tinha levado o nacionalismo e a ideia da Nação italiana quase que unicamente para aqueles homens que tinham estado nas trincheiras, e que pouco desses ideais haviam penetrado na sociedade civil, logo seria a missão desses homens, os ex-combatentes, organizados no movimento *fasci di combattimento*, levarem as ideias que surgiram no conflito para o meio civil italiano “O povo deve sentir o Fascismo como o único meio para qual deu vida a digníssima Nacionalidade e sem a qual a vida coletiva não teria peso e significado” (GENTILE, 2002: p.244). Mussolini chamaria os primeiros fascistas de “aristocratas vindo da trincheira”, e chamou a política de nacionalizar os civis de *Tricheirocracia* “A tricheirocracia é a aristocracia da trincheira” (DE FELICE, 2002: p.216)

É a partir desses pontos que Giuseppe Bottai desenvolve sua ideia do que deveria ser o governo fascista. Para ele, os Fascistas quando chegassem ao poder deveriam se voltar para os anos iniciais do fascismo e assim fazer uma *Revolução*. Destruir a antiga classe dominante e seus valores liberais e substituí-la pela aquela lógica trazida das trincheiras, colocar a Nação como o centro da sociedade italiana, tornando-a até mais importante que outras instituições como, por exemplo, a igreja católica e a monarquia italiana. Essas mudanças deveriam ser conduzidas pelo

⁴ Nos dias atuais essa divisão ainda se mantém, entretanto tivemos uma mudança de discurso, hoje a região norte defende a separação do país por acreditar que o sul é uma ancora para o progresso. Essa ideia se baseia nos desenvolvimento econômico de cada região, enquanto o norte é o parque industrial da Itália o sul é o “celeiro”.



Duce e sua nova classe dirigente. Em outras palavras o que Bottai defende é uma modificação radical da sociedade italiana como um todo, criando assim o *homo novus* fascista. O ideal de Giuseppe Bottai era mais presente nos fascistas mais antigos (ex-combatentes em especial) e nos mais jovens⁵. Essa linha foi considerada como sendo a do fascismo mais radical, mas demonstra claramente os ideais do que chamamos de *Fascismo Movimento*.

Já Alfredo Rocco tem ideias totalmente diferentes da de Bottai. Rocco era jurista e economista, iniciou sua vida política em partidos de cunho socialista, como Benito Mussolini também concordava com os ideais de George Sorel⁶. Alfredo Rocco entrou no fascismo após esse ter tomado o poder, dentro do governo de Benito Mussolini trabalhou como ministro da justiça. Por entrar mais tardiamente no movimento, Rocco não compartilhava com os ideais dos fascistas mais velhos:

Como a maioria dos nacionalistas, convertidos para o fascismo depois da conquista do poder, Rocco não pertencia a “geração fascista” que nasceu politicamente com a guerra e se formou com a expansão do squadrismo⁷. Para ele, como para quase todos os nacionalistas, a guerra não era “grande evento” revolucionário, criador de uma nova mentalidade e de um novo mito. Rocco não participou do “estado de animo fascista” e do fervor totalitário que permeava o entusiasmo do *movimento* pelo mito do Estado Novo. (GENTILE, 2002:p.238)

Para Alfredo Rocco o governo fascista não deveria ser em nada revolucionário, mas sim ser reformista. Ele enxergava o fascismo como um meio de retornar ao mundo antes da ascensão da democracia liberal, isso é, trazer de volta as antigas elites, restaurar a monarquia italiana e trazer a ordem para o mundo contemporâneo, porém os fascistas não poderiam deixar de descartar os avanços modernos da ciência, medicina e tecnologia, visto no seguinte trecho:

Para Rocco, o Estado Novo não deveria ser outro se não uma versão moderna do absolutismo: uma manifestação histórica do ‘princípio de organização’ triunfante sobre ‘princípio de desintegração’. A revolução fascista tinha a tarefa de restaurar o

⁵ Jovens de classe mais baixas eram mais favoráveis a aderir essa linha do fascismo, pois enxergavam nela uma forma de acender socialmente.

⁶ Engenheiro francês, nascido em 1847, largou seu trabalho para se dedicar exclusivamente a filosofia social e ao sindicalismo e mesmo se aproximando bastantes do socialismo também “flertava” com escritores monarquistas de extrema direita apoiava atitudes violentas como meio para atingir um fim, odiava o parlamento e a dominação política da Burguesia, morreu em 1922.

⁷ Nome dado a força armada particular do fascismo italiano.



absolutismo do Estado colocado em crise pela Revolução Francesa, empregando as novidades da sociedade moderna. (GENTILE, 2002, p.238)

Rocco acreditava, como a maioria, se não todos os fascistas, que o problema do Estado italiano, como corrupção, crise financeira e desorganização, vinha da democracia liberal e de seu estilo de sociedade, pois ela não prezava a ordem e organização. Ele cria então uma memória imagética do passado, onde a ordem e organização eram garantidas pelo Rei, e por causa disso, o país não vivia com crises econômicas e nem com chance de revolta por parte dos populares. Rocco via que a missão do fascismo era trazer de volta essa era de “ouro” da Itália, e para isso deveriam retirar os liberais do governo - isso já havia ocorrido em 1922 com a Marcha sobre Roma - depois os fascistas deveriam se livrar de toda a mentalidade liberal, tanto no governo quanto no meio cívil substituindo-a pela “nova-velha” mentalidade do absolutismo. Após essa “troca” ser concluída o fascismo deveria deixar a cena para que a antiga elite voltasse a governar. O fascismo também deveria organizar a classe trabalhadora em sindicatos para assim acabar com mentalidade de classe, nesse ponto, Bottai também discordava de Rocco, pois acreditava que o mito nacional construído pelos fascistas destruiria a ideia de classes á substituindo pelo amor inconstitucional à pátria.

A defesa de Alfredo Rocco a esse tipo de governo também se baseava em seu medo de que a ala mais “revolucionária” poderia fazer no governo. Seu temor era que o governo liderado por essa ala levasse a *Revolução Permanente*, isso é, manter o governo sobre fortes mudanças em curto espaço de tempo. A seu ver, isso poderia acarretar em um desgaste do fascismo e do próprio governo, podendo até levar em uma piora da situação causando até mesmo uma guerra civil. Logo, ao olhar de Rocco o autoritarismo não servia somente para disciplinar a sociedade, mas também colocar em ordem o próprio fascismo: “Assim ele considero exaurido a tarefa revolucionária e criativa do fascismo com a construção do regime” (GENTILE, 2002:p.239).

Concluo que as formas diferentes de enxergar as resoluções dos problemas italianos e como seria o governo fascista, estão ligadas as vivências e experiências políticas que cada um teve durante sua vida. Alfredo Rocco não era um fascista inicial, ou seja, um membro dos primeiros anos de movimento, não pertencia a “geração fascista” e diferentemente de Bottai que já havia trabalhado como político, Rocco tinha a visão de que o fascismo tinha de conduzir para um governo menos radical, para que assim pudessem garantir a governabilidade do movimento, e



possivelmente alcançar uma aliança entre a antiga elite e os chefes do fascismo. Do outro lado, Giuseppe Bottai, que ajudou a formar o movimento fascista e foi um ex-combatente, teve seus ideais direcionados ao início do movimento, e acreditava que eles, os fascistas, estavam construindo uma nova cultura que não se limitaria somente à Itália, mas que deveria se espalhar por todo o globo.

Considerações Finais

A divisão do fascismo proposta por Renzo de Felice, não só ampliou o campo de estudo sobre esse fato, como permitiu que surgisse uma revisão nos estudos feitos até o momento sobre o fascismo. Como Renzo de Felice, eu também não concordo com a ideia de que o fascismo foi uma tragédia na política europeia. O fascismo foi sim um movimento que se baseava em uma cultura local, a uma determinada sociedade, e a um determinado tempo. Não se deve também observar essa linha historiográfica como uma propaganda pró-fascista, pois eu mesmo sou um crítico das políticas fascistas assim como o próprio ideal, mas não deixei de me questionar sobre o que foi esse movimento.

Dentre o fascismo movimento e o fascismo regime, chamo a atenção para o primeiro, já que estudos sobre ele são mais atuais e acabam trazendo algumas novidades. Uma dessas novidades é observação de como foi construída a ideologia fascista e como ela foi se modificando durante a sua existência. Em meu mestrado foquei nas modificações ideológicas que o fascismo sofreu nos anos iniciais, pude demonstrar como em outras ideologias que o fascismo também teve que se adaptar à realidade social para chegar ao poder. Mas porque é de grande importância admitir que o fascismo é um movimento de cunho político? E porque devemos compreender melhor sua ideologia? Pelos simples fatos que assim conseguiremos combatê-lo melhor.

É preciso, para que isso aconteça que se forme a convicção férrea de que uma determinada solução dos problemas é necessária. Sem essa convicção, o segundo elemento, cujo, a destruição é mais fácil por seu pequeno número, não se formará. Mas é necessário que esse segundo elemento, se for destruído, tenha deixado como herança um fermento que permita que ele se refaça. (SADER, 2005: p.17)

Quando Gramsci escreveu esse trecho no texto *Notas sobre Maquiavel*, discutia sobre a construção de um partido político ou um movimento de cunho político. Para ele um partido era



dividido em três elementos: o primeiro sendo a massa popular que apoia o partido, que garante os votos e o apoio. O segundo são os líderes ou diretoria do partido ou movimento, que garante o comando e as propostas de governança. Por último, temos o terceiro que é algo que junta o segundo com o primeiro elemento, ele pode ser uma ideologia ou até uma pessoa. Como Gramsci defende, para destruir um partido ou movimento político é mais fácil atacar o segundo pelo seu número mais reduzido, contudo destruir só a liderança não garantiria a vitória total, já que, esses poderiam deixar um resíduo de ideia que poderia ser aproveitado por outras pessoas que em um futuro próximo ou não, reconstruiriam o segundo elemento.

Vemos hoje um número crescente de movimentos neonazistas e neofascistas surgindo em volta do mundo, com mais intensidade no continente europeu. Mesmo que esses novos movimentos não sejam iguais ao fascismo italiano e ao nazismo alemão, já que, as condições temporais e sociais são extremamente diferentes, eles ainda mantêm algumas questões parecidas, como o nacionalismo extremo e o culto à violência e ao corpo como formas de defenderem seus ideais. Logo compreender essa ideologia (o fermento) se torna indispensável, para que assim possamos, não destruir o movimento, pois isso é quase impossível, mas sim atacá-lo com mais força e mais efetividade.

Mesmo tendo mais afinidade nos estudos com o fascismo movimento, concordo que as pesquisas voltadas para o regime de Benito Mussolini e Adolf Hitler também ajudam no entendimento e no combate a essas ideologias. Pois eles demonstram as falhas e terror que esses dois governos causaram em seus respectivos países. Logo, novos estudos devem aprofundar cada vez mais em ambos os regimes.

Espero que esse trabalho ajude a pesquisadores que assim como eu desejam se aventurar no mundo dos movimentos políticos, acredito que a teoria de Renzo de Felice e Emilio Gentile, de dividir movimento de regimes, pode ser aproveitada por outras formas de governo e não se mantendo unicamente no fascismo e nazismo, pois mesmo que ideologia e o regime andem juntos, cada um tem suas peculiaridades que se diferenciam.



Referências Bibliográficas

DE FELICE, Renzo. *Entrevista sobre o Fascismo*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira 1988

_____. *Mussolini giornalista. 1912-1922 I migliore articoli degli anni alla direzione dell' Avanti! E de Popolo d'Italia*. Bur, Milão. 2001.

DE FELICE, Renzo; GENTILE, Emilio. *A Itália de Mussolini e a origem do fascismo*. São Paulo: Ícone, 1988.

GENTILE, Emilio, *Il mito dello Stato nuovo*. Roma: Laterza, 2002.

PAXTON, Robert O. *A anatomia do Fascismo*. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

SADER, Emir (org.). *Gramsci: poder, política e partido*. São Paulo: Expressão Popular, 2005.